

Estruturalismo e balanço de pagamentos

De Luiz Carlos Bresser-Pereira para Mauro Boianovski, 12.10.12.

Caro Mauro

Em primeiro lugar, parabéns pelo excelente paper. Um trabalho de história do pensamento econômico de alta qualidade. Aprendi muito com ele, apesar de ser um velho estruturalista, “convertido” já em 1955.

Eu não sei qual é a norma entre os historiadores do pensamento econômico, mas minha impressão é a de sua análise ganha interesse quando há claramente uma visão crítica do autor em relação ao pensamento antigo que ele estuda, analisa e relata.

A partir desse pressuposto, não sei se está claro para você, mas eu considero grande parte da discussão dos estruturalistas latino-americanos sobre o balanço de pagamento nos anos 1950 e 1960 como equivocada. Eles tentaram apresentar uma visão alternativa à visão ortodoxa da época, mas, seu argumento (Noyola/Prebisch) sobre um “development disequilibrium” não é realmente uma alternativa ao modelo de Pollack; e eu diria o mesmo do argumento de Furtado. Afinal, seu único ponto objetivo foi o das duas elasticidades e do modelo dos dois hiatos, ou da existência de uma “restrição externa”, resultando na tendência ao desequilíbrio do balanço de pagamentos. Com isso eles, seguindo Kindleberger, conforme aprendi em seu trabalho, eles explicaram um problema real dos países em desenvolvimento: a falta de dólares. E com isso eles justificaram (e demandaram) o recurso à “poupança externa”, ou seja, à tentativa de crescimento com endividamento externo.

Em toda essa análise o problema da taxa de câmbio ficou em segundo plano senão esquecido, como se fosse um problema de curto prazo, como pressupõe a teoria ortodoxa. E, embora não creia que os grandes autores estruturalistas que você cita tenham-no dito, o fato é que, naquela época o pensamento estruturalista vulgar via as depreciações da taxa de câmbio como ortodoxia proposta pelo FMI. Como não sabiam o que era doença holandesa (não obstante o grande ensaio de Furtado que você analisa muito bem) mas a intuía, defendiam um câmbio apreciado para os exportadores

de commodities, tarifas elevadas para, além de proteger a indústria infante, neutralizar a doença holandesa, e consideravam difícil senão inviável a exportação de manufaturados.

Na análise que tenho feito nestes últimos anos tenho tentado mostrar o grande equívoco da tese da restrição externa. Argumento que afinal serviu muito bem à ortodoxia para justificar a principal forma de exercício da dominação externa (o endividamento externo financeiro e via investimentos diretos) depois que o argumento das vantagens comparativas foi na prática rejeitado pelos países em desenvolvimento.

Quanto ao Thirwall, como você observou, ele apenas formalizou a estória. E o fato que, dado um coeficiente de importações constante, as exportações tenham que crescer à mesma taxa do PIB é uma obviedade tautológica. Por isso me dá desânimo ver meus amigos pós-keynesianos não pararem de citá-lo.

Aceito o problema das duas elasticidades, mas não creio que essa fosse a causa principal da shortage of dollars. A causa principal disto era e ainda é a tendência à sobreapreciação cíclica e crônica da taxa de câmbio. Que, se for verdadeira, coloca a taxa de câmbio pela primeira vez no centro da teoria do desenvolvimento econômico. E o interessante é que embora haja uma causa estrutural para isso, as causas originadas de políticas econômicas são mais importantes: política de crescimento com poupança externa, uso da taxa de câmbio como âncora cambial, e populismo cambial.

Você já conhece meu livro sobre o assunto, mas lhe envio três trabalhos, dois dos quais ainda não publicados, que tratam desse problema.

Um abraço e, mais uma vez, parabéns pelo trabalho.

Bresser.

Em 15 de outubro de 2012 15:45, mauro boianovsky <mboianovsky@gmail.com> escreveu:

Caro Professor Bresser,

Muito obrigado por sua leitura atenta e comentários. Fico satisfeito em saber que meu paper foi de alguma forma útil. De fato, em minha pesquisa em HPE em geral procuro ser tão "neutro" quanto possível, ou seja, discutir as várias teorias sem avalia-las ou julga-las. Tal estratégia não é necessariamente a melhor, como o senhor sugere. Conforme sua interpretação, não existiria uma "restrição externa" estrutural, mas sim uma

tendência ao desequilíbrio causada por política cambial equivocada. Concordo que a maioria dos estruturalistas não prestava a atenção devida a esse problema de preços relativos, mas creio ser relevante a preocupação de Prebisch com o populismo cambial na época peronista, que menciono no paper. O próprio Furtado, me parece, tinha alguma preocupação com isso no Brasil nos anos 1950 - e no Trienal sugeriu um sistema que antecipou as minidesvalorizações de R. Campos no PAEG, como discuto brevemente em meu artigo este ano na HOPE.

O senhor menciona em sua mensagem o envio de arquivos com papers de sua autoria, mas por favor note que não foram anexados.

Mais uma vez obrigado e um abraço,

Mauro

Em 12 de outubro de 2012 04:44, Luiz Carlos Bresser-Pereira <bresserpereira@gmail.com> escreveu:

Caro Mauro,
Seguem agora os trabalhos que esqueci de anexar.
Envio apenas dois.
Abraço, Bresser.